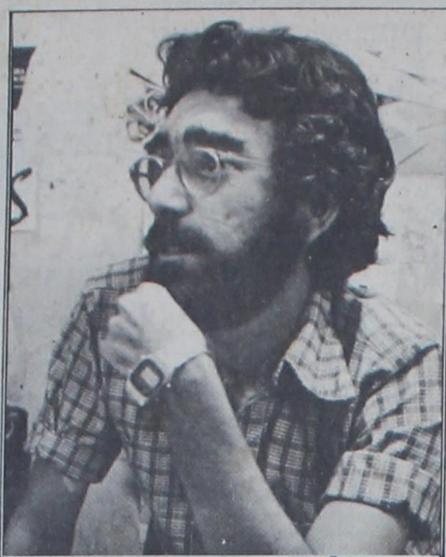




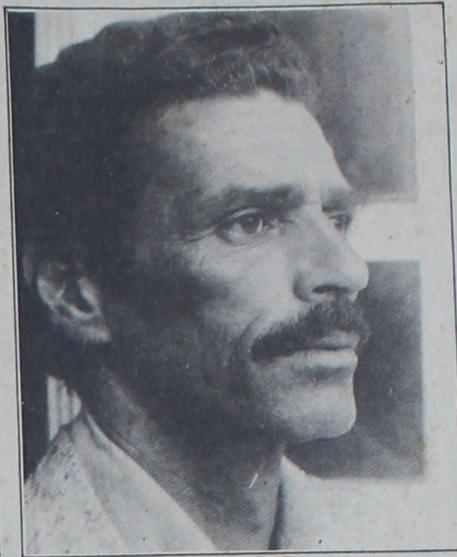
Maurício Silva, do DEC



Eleazar Pessoa, presidente da Fecata



Antonio Rosa, ator e ex-presidente da Fecata



Tião Carneiro, ator

Tinoco dos Anjos

Por que o público não está indo ver o teatro capixaba?

Autor, diretor, atores, presidente da Fecata e chefe da Divisão de Teatro do DEC debatem aqui uma questão angustiante para os artistas locais: por que o público não prestigia os espetáculos adultos? "O Monta-Cargas" é a mais recente vítima da indiferença

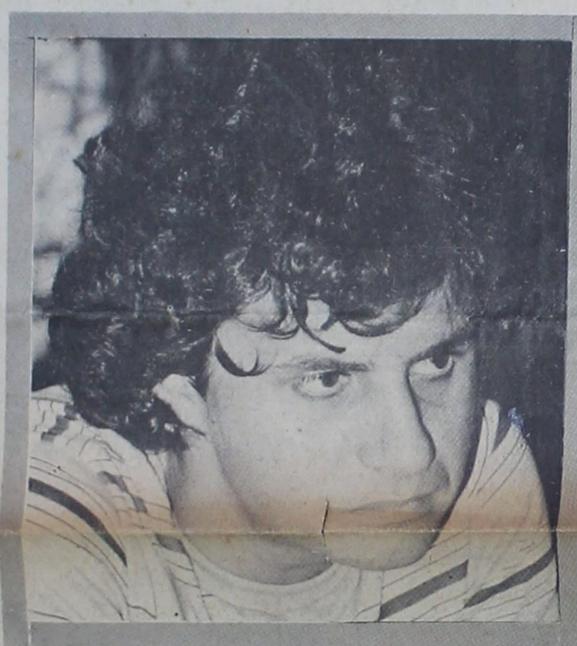
Quinta-feira, no Teatro Carlos Gomes, 19h30m. Acabara mais uma sessão de **O Monta-Cargas**, peça do inglês Harold Pinter montada pelo Núcleo de Artes Cênicas da Scav. Apenas onze pessoas haviam assistido ao espetáculo, como vem acontecendo desde a estréia em Vitória, na sexta-feira da semana passada, que contou inclusive com a organização de um debate visando aumentar o interesse do público.

No teatro vazio reúnem-se o diretor e os dois atores de **O Monta-Cargas**, respectivamente Luiz Tadeu Teixeira, Antônio Rosa e Tião Carneiro, e mais a autora Vera Viana, que já montou vários textos seus com o Grupo Vianninha (atualmente, está em cartaz **Fim-de-Noite**), o presidente da Federação Capixaba de Teatro Amador (Fecata) e diretor-ator de uma peça infantil, **Parque da Lua**, que também está sendo apresentada nos fins de semana no Carlos Gomes, e mais o chefe da Divisão de Teatro do Departamento Estadual de Cultura, Maurício Silva. Começa o debate. Quais são as causas de o público não prestigiar as produções locais, começando por **O Monta-Cargas**, um projeto sem dúvida importante artisticamente.

Luiz Tadeu é o primeiro a falar: — Estamos tentando descobrir. Temos várias justificativas. O Núcleo de Artes Cênicas vem de um sucesso, que foi **A Revolta dos Brinquedos**, que começou modestamente, foi crescendo e terminou as apresentações com casa cheia. Não é uma coisa generalizada a falta de público para os espetáculos locais. Antes de **A Revolta dos Brinquedos**, eu fiz outra peça infantil, **O Boom da Poluição**, que bateu recorde de público. Agora, quando pensamos em montar **O Monta-Cargas**, já sabíamos que não seria um grande sucesso comercial porque o Pinter não é um colecionador de sucessos como autor em lugar nenhum. Talvez uma única peça dele, **Volta ao Lar**, fez sucesso de público porque, na época, palavra em teatro era novidade. Mas, apesar de acharmos que não seria um sucesso comercial, tínhamos esperanças de que, pelo menos, a peça pudesse se pagar. Temos um auxílio do Inacen e esperávamos que a bilheteria desse pelo menos para cobrir as despesas mínimas da montagem. E nem isso está acontecendo. Quando temos vinte pessoas na plateia levantamos as mãos para o céu. Estamos completando hoje, em Vitória, a quinta apresentação. Em Castelo (onde a peça estreou a nível estadual) tivemos um bom público durante dois dias, mas lá é um caso especial porque o teatro ainda é uma novidade. Agora, em Vitória, não sei realmente por que o público não está vindo. Não sei se é porque é final de mês, está todo mundo sem dinheiro, o funcionário público está com o pagamento atrasado, quem não é funcionário público de alguma maneira depende, porque é comércio e as vendas diminuíram; não sei se é a chuva todo dia; não sei se o espetáculo também não está despertando interesse. Pode ser que esteja ocorrendo isso também, que as pessoas tenham o espetáculo como uma coisa pesada, chata, não sei, não estou eximindo a culpa do espetáculo não ser aquilo que as pessoas desejam, numa fase de crise e tudo o mais.

Tadeu tentou facilitar o público apresentando o espetáculo, nos primeiros dias da segunda semana às 18h30m, horário já conquistado pela música capixaba, mas não adiantou. Acrescenta: — Não tivemos na primeira semana uma resposta satisfatória. Ainda que o espetáculo fosse ruim, era, pela promoção que teve, com cartaz, propaganda na televisão, reportagens, pelo menos na estréia e nas primeiras apresentações, ter no mínimo cem, cento e cinquenta pessoas. Porque aí, se fosse ruim, chato, não droga, as pessoas constatariam a partir daí e o público tenderia a cair. Mas nós já começamos com muito pouco público, aquém da expectativa.

A continuar assim, Luiz Tadeu afirma que o grupo pretende apenas cumprir as quinze apresentações exigidas pelo patrocínio do Inacen e encerrar a temporada de **O Monta-Cargas**. No momento está se pagando para fazer teatro, já que, por cada sessão, a SBAT exige Cr\$ 7 mil de direitos autorais.



Luiz Tadeu Teixeira, diretor

Tião Carneiro, um dos atores de **O Monta-Cargas**, fala do que significa ensaiar uma peça durante três meses e não ver quase ninguém na plateia: — E dose pra leão. A gente quase chega ao stress para preparar a peça e depois ver a casa vazia, é uma barra. Mas a gente está aí mesmo, guerra é guerra. Não vou dizer que uma porrada dessa não dá um baque na gente, mas a nossa vontade é estar sempre fazendo bem o espetáculo, porque assim, quando a casa estiver cheia, será ótimo. Vou metendo a cara, porque a minha vida é isso aí.

Antônio Rosa, o outro ator de **O Monta-Cargas** e presidente por duas vezes da Federação Capixaba de Teatro Amador, dá sua opinião: — Talvez essa evasão do público principalmente com relação às peças adultas tenha relação com a qualidade de espetáculos representados pelos grupos locais. Ao longo dos anos você vai verificando que está ocorrendo uma diminuição do público em relação às peças adultas. Não sei se isso teria relação com o comodismo desse mesmo público em ficar em casa em horário nobre de novela e de outras coisas mais que a televisão oferece. Não sei se a gente deveria culpar ou não, é uma coisa a questionar, papel da televisão, mas creio que o baixo nível de alguns grupos locais contribui para essa situação. E, por parte do público, uma generalização com relação aos nossos espetáculos. Então, quando é uma peça local, ela é automaticamente nivelada a um espetáculo de nível inferior. O público ainda não consegue distinguir e dizer "aquele grupo é bom, apresenta um bom trabalho, aquele ator sempre trabalhou bem ou procura se aprimorar". Ou o público não conseguiu fazer a distinção ou nós ainda não conseguimos nos mostrar o suficiente para que ele nos percebesse.

Vera Viana, além de autora, dirige o Grupo Vianninha e concorda com a opinião de Antônio Rosa, sobre a discriminação do público: — Acho que isso influi sim. Agora, o que afasta o público do teatro de Vitória ou de qualquer lugar é o fato de o espetáculo não ter uma linguagem, ou melhor, não estar sendo feito para o público. Acredito que, se você fizer um espetáculo para o público, funciona. Não sei por que nunca

tive problemas com o público. Já montamos quatro peças, a de maior sucesso de público foi **Mulher, Mulher**. Mas desde a primeira peça que fiz, **Quatro Seres Distintos**, no Teatro Estúdio, a casa lotou os dois dias. As pessoas ficaram em pé e outras voltaram porque não tinha lugar. **Fila Eterna**, por vários problemas, só apresentei uma vez na Mostra e por isso não conta. **Mulher, Mulher**, lotou o Teatro Estúdio todos os dias, depois fomos para o Teatro da Scav, agora aqui no Carlos Gomes não deu ninguém. **Pindalva** ficou três semanas em cartaz na Scav, de terça-feira a domingo, e de público pagante, o dia que deu menos gente foram duas pessoas. Então, eu não sei se isso vem do fato de que, a partir de **Fila Eterna**, eu sempre estréio o espetáculo e depois saio visitando centros comunitários, escolas. De repente quando estréio outro espetáculo já vou passando cartazes naquelas escolas e centros comunitários onde estive apresentando a peça anterior, não sei se isso ajuda, mas acredito que se você fizer um teatro mais próximo daquilo que as pessoas estão querendo ver no momento, eu acredito que o público chegue. Agora, aquilo que o Antônio Rosa disse sobre o nível baixo de alguns espetáculos locais, eu acho que isso pesa muito. As pessoas sempre colocam assim: é espetáculo local, é ruim, não vou, não vale a pena. Eu acho que a Federação poderia liderar um movimento a fim de que pudéssemos fazer alguma coisa para conquistar esse público.

Eleazar Pessoa, atual presidente da Fecata, comenta a proposta de se buscar um outro tipo de público, que não seja aquele habituado a frequentar o Carlos Gomes, mas que preserve o preconceito contra as produções locais: — Eu acho que, na prática, os grupos estão procurando novos espaços. A partir de alguns projetos que a Federação tem encampado com a Prefeitura de Vitória e outros eventos em que o DEC tem dado uma força, a gente tem procurado alternativas. A principal, a meu ver, tem sido o teatro de rua. Todos os trabalhos infantis estão passando por um projeto da Prefeitura, o Teatro Tal, apresentado ao ar livre. Agora, a questão de os grupos irem para o interior, eu sinto lá na reunião da Federação que eles querem ir, mas faltam condi-



Vera Viana, autora

ções de viajar. Quando têm, como foi o caso recente de Colatina, foram três ou quatro grupos, tem grupo que foi a Montanha, mas não é uma coisa progressiva. Por exemplo, se a gente tivesse um projeto que incluísse um rodízio, utilizando-se um ônibus que deixasse um grupo em Colatina, outro em Linhares, São Mateus e Montanha, teríamos quatro grupos se apresentando numa semana, criando alternativas para o próprio público do interior, que teria sempre novas opções. Mas, pela própria situação em que se encontra o Estado, isso não foi feito até agora. Agora, quanto ao interesse do público pelo teatro local, pra mim é um ponto de interrogação muito forte. Nós estamos preocupados com isso, e na próxima mostra estadual, agora em 30 de outubro e 8 de novembro, estamos propondo um debate sobre a relação do público com os espetáculos locais. Queremos sentir junto ao público o que está faltando em nosso trabalho, já que, como afirmaram Antônio Rosa e Vera Viana, existe o preconceito contra o trabalho local. Por que não podemos ter qualidade? Por que fazemos tudo em nosso próprio sacrifício? O que tem funcionado na prática, em termos de produção, é a aplicação de recursos financeiros dos próprios grupos. O próprio patrocínio do Inacen é condenável, a partir do momento em que ele só paga cinquenta por cento depois da estréia. Isso não patrocina de montagem. Se o grupo não tiver uma grana para investir não consegue montar o espetáculo. E praticamente a compra do espetáculo e não ajuda o patrocínio que o Inacen faz.

A Fecata reúne trinta grupos, que corresponde mais ou menos a trezentas pessoas envolvidas com teatro na Grande Vitória. Se a maioria delas prestigia as temporadas dos grupos já se teria um público razoável pelo menos nas primeiras apresentações. Eleazar comenta esse ponto: — Esse é um fato que eu não questiono. Temos lutado nesse sentido. Neste ano lutamos para a criação de uma carteira de filiado da Federação, pelo menos o pagamento de apenas vinte e cinco por cento do preço do ingresso e nos meses de férias. Lá nas reuniões da Federação sempre colocando isso, anunciando coisas que vão entrar em cartaz. Por ex-

emplicamos da estréia de **O Monta-Cargas** lá na reunião, só que ninguém foi ver.

Antônio Rosa aproveita para sugerir à Fecata que realize uma pesquisa junto ao público, a fim de tomar conhecimento das preferências e das avaliações sobre o trabalho teatral que se faz no Estado.

Maurício Silva, chefe da Divisão de Teatro do DEC, com sete anos na administração do Teatro Carlos Gomes, também dá sua opinião sobre a relação público-espetáculos locais: — Primeiro, eu acho que falta constância. Nós passamos o primeiro semestre todinho, por exemplo, este ano. Vamos analisar este ano. O teatro infantil, a gente está conseguindo colocar em todos os domingos, então está se criando o hábito, acho até que esse hábito existe. No caso do teatro adulto, no primeiro semestre só tinha uma peça montada, a **Pindalva**, que estreou em junho. Ficamos praticamente seis meses sem peça adulta. No segundo semestre há mais duas peças que estrearam agora, já que a do Ricardo Barnabé, **Zona-Princípio e Fim**, vem desde 1979, com várias reformulações. Eu acho que falta constância. Outra coisa que acho é que o público fica guardando o dinheiro para o artista de fora. O DEC acaba de concluir uma pesquisa e o público pediu mais teatro. O que que o público quer em teatro? É Fernanda Montenegro, Paulo Autran, Tônia Carrero, o artista local não foi citado. Foi uma pesquisa ampla, pegamos duas peças com casas cheias, as de **O Beljo da Mulher Aranha** e **Doce Deleite**. Fizemos também no show de Egberto Gismonti e o pessoal pediu mais teatro.

Maurício aborda a questão da divulgação dos espetáculos locais: — Alguns são mais bem divulgados do que os outros. Por exemplo, a divulgação de **O Monta-Cargas** está perfeita. Por que não está dando público? A televisão, falou, há filipetas, os jornais estão falando, o Tadeu preparou textos sobre a obra de Harold Pinter, a origem da peça. Falou-se muito sobre a peça e não está tendo público. Acho que a peça está no lugar errado, deve-se tentar outro espaço, a Universidade de talvez, uma coisa mais dirigida. Aqui, ela não está funcionando. Estreou com um público baixíssimo em termos de pagantes. A própria classe não veio prestigiar. Estamos já com cinco

apresentações e podemos contar nos dedos quem veio do pessoal que faz teatro. Duas ou três pessoas filiadas à Fecata estão utilizando a carteira que dá direito à redução do ingresso. Acho que está faltando uma melhor conscientização da própria classe no sentido de procurar uma saída para essa falta de público, que não é tão grande assim. Por exemplo, na Scav, a média de público de **Pindalva** foi considerada razoável. No caso de **Bernarda Alba** já não foi, tinha dia que o espetáculo era cancelado por falta de público. O grupo Terra fez deztoito apresentações de **Bernarda Alba**, na Scav, seis delas não tiveram público de espécie alguma.

Luiz Tadeu Teixeira acompanha toda discussão e coloca uma preocupação: — A gente não está aqui querendo que o público pense assim: "Ah, eu vou porque o espetáculo é local, tendo que ajudar..." sem essa de coitadinho! A gente está procurando fazer um trabalho bem acabado, com nível e tal, e querendo que o espectador venha para ver um bom espetáculo e tenha um bom espetáculo. Nós gostaríamos de ver ampliada essa discussão, principalmente pela imprensa. Gostaríamos de saber a posição do público, nós não podemos falar por eles. Acho que depois dessa pesquisa que o DEC fez, a nível de reportagem, deveriam procurar essas pessoas e debater com elas onde estão. Já que elas não vêm ao teatro aqui...

A gente está montando um Pinter, poderíamos estar montando o **Don Juan**, de Molière, então não é preconceito contra o texto local, contra o autor nacional. Temos necessidade de trabalhar também com grandes textos, porque é assim que a gente se aperfeiçoa e amadurece.

Luiz Tadeu e Eleazar Pessoa não acham que uma das saídas seria a montagem de peças com temática capixaba. Primeiro porque é um filio de inegável receptividade (a partir, por exemplo, de **Vitória, de Setembro a Setembro**, de Milson Henriques), mas que se esgota facilmente. Há a exceção de **Tem Xirica na Bizanxa**, de Milson e Amylton de Almeida, que tinha tudo para fazer sucesso mas que sucumbiu em consequência de desentendimentos internos entre diretor (Vital Santos), grupo (Ponto de Partida) e de seus autores (Amylton). Há um outro exemplo que complica a análise: o fracasso de público da montagem de **Queimados 80**, de Pedro Maia, feita por Paulo de Paula, um texto premiado pelo DEC, inspirado num acontecimento histórico de ampla repercussão na literatura capixaba. Além disso, segundo Tadeu e Eleazar, os grupos não querem ficar presos a um regionalismo que poderia limitar a criatividade e o próprio amadurecimento artístico.

Um ponto unânime entre os participantes do debate: a importância de uma crítica, positiva ou não, na carreira de um espetáculo local. Maurício Silva é o primeiro a falar: — A partir do momento em que sai uma crítica do espetáculo, o público cresce. Isso aconteceu com **Bernarda Alba** e com vários espetáculos. Aconteceu com **Midibim**. O jornal fala, a televisão fala, o público já começa a perguntar. A nossa população é muito sensível a esse tipo de coisa. Tenho notado isso nestes anos todos. A Vera mesmo, com **Pindalva**, estava meio devagar e de repente o público deu um enorme salto. A progressão normal vai 2, 3, 4, 6, 8, de repente dá uma crítica e chega a 8, 16. Isso para qualquer espetáculo.

Tadeu complementa: — Seja negativa ou positiva. Porque tem muita gente que pensa: ah, o cara falou mal, então eu vou ver. Falou bem, então não vou; sempre tem uma reação.

Tião Carneiro: — É isso mesmo. Tem gente que quando lê uma crítica falando mal, pensa; esse cara está com raiva do grupo, vou lá ver que deve ser bom.

Tadeu continua: — Acho que o teatro capixaba perdeu muito quando o ilustre companheiro Edvaldo dos Anjos foi eleito presidente do Sindicato dos Jornalistas, pois ele parou de vir aos espetáculos logo no primeiro dia e tal. Antigamente tinha uma página de teatro em **A GAZETA**, na qual você falava de todos os trabalhos dos grupos, os ensaios, isso não tem mais. O Tavares Dias fala de música e dá um banho. O próprio Chico Neto, em **A Tribuna**, também, não está dando mais destaque.